

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: \_\_\_\_\_

69

Data: 20/11/83

Pg.: \_\_\_\_\_

### Juruna assume em triunfo a presidência do Tribunal

Roterdã — Após permanecer significativamente vazia durante toda a semana de sessões, a cadeira da presidência de honra do Tribunal Bertrand Russell foi finalmente ocupada ontem, último dia de reuniões da corte, pelo cacique xavante Mário Juruna, cuja chegada foi triunfal. Todos os membros da corte e a assistência, de pé, o receberam com prolongado aplauso.

Juruna apareceu na sala de reuniões pouco depois das 18h locais, tendo chegado a Roterdã de carro, procedente de Amsterdã, onde desembarcara à tarde. Recebeu um ramo de flores e sentou-se ao lado do presidente interino do Tribunal, o professor holandês L. Hulsman.

#### Acontecimento feliz

Na saudação ao chefe xavante, Hulsman disse que sua demora a chegar a Roterdã foi, de todas as maneiras, um acontecimento

feliz, pois a decisão da Justiça brasileira de autorizar sua viagem, contrariando disposições do Governo, é com toda segurança de grande importância para a população indígena americana.

Juruna agradeceu, primeiro, em seu idioma e depois em português, no momento mais carregado de emoções de toda a atual sessão do Tribunal Russell. Antes, ao desembarcar em Amsterdã, ele havia declarado que "a decisão judicial deve ser vista como uma advertência; para a Funai, de que os índios não podem mais ser tratados como minoria". Acrescentou que as pressões exercidas pelos organizadores do Tribunal Russell foram decisivas para a concessão do seu passaporte.

Ao fim de sete dias de coleta de provas de violações de direitos humanos, praticadas contra os índios americanos, o Tribunal encerra-se hoje com o veredicto dos 15 membros do júri.

### Índio recebe flores e faz denúncias

*Helóisa Rozendaad*

Especial para o JB

Mário Juruna demorou-se na sala da Alfândega do aeroporto de Amsterdã porque sua mala, com o até então inseparável gravador, assim como a do advogado que o acompanhava, Alain Moreau, extravariara-se em Málaga onde o avião fez escala.

Recebido calorosamente pela delegação brasileira ao 4º Tribunal Bertrand Russell, ele foi abraçado, cumprimentado e em pouco tempo era solicitado para uma entrevista pela televisão holandesa.

— Sua liberação para viajar representa uma vitória do Tribunal Russell? — perguntaram-lhe.

— Esta é uma vitória da comunidade brasileira — foi a sua resposta, em português.

Com aparência de calma e segurança, o cacique xavante contou risonho a sua vitória por 15 votos a nove, no Tribunal Federal de Recursos, em Brasília. No Doelen, prédio onde se desenrolam os trabalhos do Tribunal Bertrand Russell, sua chegada interrompeu uma discussão do júri sobre uma questão boliviana. Juruna recebeu um buquê de flores, sentou-se ao lado do professor Darcy Ribeiro à mesa do júri e ouviu a saudação do presidente interino do tribunal, L. Hulsman:

— Estamos contentes com a sua chegada por duas razões. Porque o senhor está aqui e porque a vitória obtida com a liberação do seu passaporte representa um passo — pequeno — mas um passo para a liberação do povo brasileiro. A atuação da Funai teve o efeito benéfico de deixar claro para o mundo todo a situação de opressão do índio brasileiro.

Terminada a sessão, Juruna denunciou, sob a luz dos refletores da televisão holandesa, maus-tratos ao índio no Brasil:

— Fazendeiro mata índio como animal e não vai preso. Nosso sangue não custa nada. Dois chefes de comunidades foram mortos agora e não aconteceu nada. O índio tem que ser tratado como todo cidadão brasileiro. Todo índio tem que ter passaporte também.

Um novo assédio a Juruna parte da televisão brasileira. Ele declara agora que está "acostumado a ganhar briga". Em seguida é a delegação norte-americana que deseja cumprimentá-lo e ser fotografada a seu lado. Um velho índio de tranças pega-o pelas mãos e diz que tem rezado por ele, com seu cachimbo. Lamenta-se apenas, entre os brasileiros, que ele tenha perdido a maior parte dos debates no tribunal.

— Se tivesse acompanhado os outros casos, ele poderia ver como é que o mesmo problema se passa em outros países — observa Vincent Carelli.

Todos estão certos, no entanto, de que não faltarão convites a Juruna na Europa, encerrado o tribunal.

Mário Juruna está agora com fome e quer tomar um banho. Os amigos o acompanham ao hotel.